

Espaço Escolar: O professor frente à problemática da criança em situação de violência

School environment: teacher facing the problem of a child in a violence situation

Espacio escolar: el profesor frente a la problemática de los niños en situación de violencia

Pâmela Vieira Araujo¹, Carla Lizandra de Lima Ferreira², Adriana Dall'Asta Pereira³, Rosiane Filipin Rangel⁴

Resumo

Buscou-se compreender como o professor detecta a criança em situação de violência; conhecer a articulação do processo de identificação e notificação; propor estratégias de aperfeiçoamento para o reconhecimento da violência no espaço escolar. Estudo descritivo exploratório, qualitativo, com quatro professores da educação infantil de uma Escola Municipal da Região Oeste de Santa Maria-RS. A coleta de dados ocorreu por meio da entrevista entre os meses de agosto e outubro de 2013. A análise temática mostrou a identificação da violência pelo professor e o comportamento das crianças na escola, e o professor frente a situações de violência, da identificação ao encaminhamento: processo pouco resolutivo. Concluem-se que os professores identificam alguns tipos de violência, mas nem sempre notificam. Ao propor estratégias, deve-se prevenir a violência no espaço escolar, capacitar os professores para reconhecer, notificar e encaminhar situações de violência. O enfermeiro poderá ser o profissional inserido no espaço escolar para efetivar tais ações.

Descritores

Violência, Escola, Professor

Abstract

This study aimed to understand how the teacher detects the child victim of violence; to know the joint identification and notification process; to propose strategies for the recognition of violence at school's improvement. Exploratory, descriptive qualitative study with four early childhood education teachers from a Public School in the West Region of Santa Maria-RS. The data collection ran through an interview that occurred between the months of August to October of 2013. A thematic analysis identified the categories: the identification of violence by the teacher and the children's behavior at school, the teacher in violence situations, from the identification to the routing: a little resolute process. It is concluded that teachers identify some kinds of violence, but this is not always notified. Proposing strategies, we should prevent violence at school, train teachers to recognize, report and refer violence situations. The nurse can be the professional inserted in the school environment to accomplish these situations.

Keywords

Violence, School, Teacher

Resumen

Se buscó como el profesor detecta en niños situación de violencia; conocer la articulación del proceso de identificación y notificación, proponer estrategias de perfeccionamiento para el reconocimiento de la violencia en el espacio escolar. Estudios descriptivos, exploratorios y cualitativos con cuatro profesores de la educación infantil de una escuela municipal de la región del oeste de Santa María-RS. La recolección de datos ocurrió por medio de la entrevista entre los meses de agosto a octubre del 2013. El análisis temático identificó las categorías: La identificación de la violencia por el profesor y por el comportamiento de los niños en la escuela, el profesor frente a situaciones de violencia, La identificación y remisión: proceso poco resolutivo. Concluyendo que los profesores identifican algunos tipos de violencia mas no siempre se notifican. Al proponer estrategias se debe prevenir la violencia en el espacio escolar, capacitar a los profesores para reconocer, notificar y remitir situaciones de violencia. El enfermero podrá ser el profesional ideal en el espacio escolar para efectuar estas acciones.

Palabras Claves

Violencia, Escuela, Profesor

¹Curso de Enfermagem do Centro Universitário Franciscano, Santa Maria-RS.

²Doutoranda do DINTER UNIFESP/UFRRJ/UFMS. Docente do Centro Universitário Franciscano, Santa Maria-RS.

³Doutoranda do DINTER UNIFESP/UFRRJ/UFMS. Docente do Centro Universitário Franciscano, Santa Maria-RS.

⁴Mestre em Enfermagem. Docente do Centro Universitário Franciscano, Santa Maria-RS.

Autor correspondente: Rosiane Filipin Rangel - rosianerangel@yahoo.com.br

Introdução

Compreender a violência contra a criança é percebê-la sob três aspectos fundamentais: no que diz respeito à estrutura em uma relação de dominação, do forte sobre o fraco, da subordinação do fraco sobre as regras e leis; nas relações de poder e de força dos adultos sobre a criança, e na complexidade do fenômeno, diante da dimensão de vulnerabilidade social e fragilidade clínica, à quais a criança está exposta.¹

Considerada como grupo vulnerável, a criança é um ser que sofre com a violência intrafamiliar, pela sua relativa fragilidade física e emocional, estando exposta a esse tipo de agressão.² Geralmente a violência é subnotificada, pois nem sempre é identificada; assim, o índice de crianças maltratadas pode ser maior do que imaginam.

Conforme o Fundo das Nações Unidas para a Infância – UNICEF, diariamente, 129 casos de violência psicológica, física, abuso sexual e negligência contra crianças e adolescentes são reportados, em média. Isso quer dizer que, a cada hora, cinco casos de violência contra meninas e meninos são registrados no País. O quadro pode ser ainda mais grave, se levarmos em consideração que muitos desses crimes nunca chegam a ser denunciados.³

Por vezes, as famílias são as próprias agressoras, e os fatores que a levam a cometerem atos cruéis contra suas crianças são: a cultura familiar, a sua desestrutura, uso de substância psicoativa, álcool, história de maus tratos contra os pais na infância, a violência entre os cônjuges, a pobreza, a desigualdade social, a falta de acesso a estruturas de suporte social, a ignorância sobre as estratégias educativas e crença no poder pátrio.²

Logo, a família que deveria ser o ambiente seguro e de proteção à criança, transforma-se em espaço de violência. É na família que a criança tem seu primeiro local de aprendizagem e formação social, sendo responsável por experiências que possam ser determinantes na sua trajetória.⁴

Nesse sentido, ao refletirmos sobre as influências que um contexto de violência causa no desenvolvimento infantil, podemos prever as consequências que esta causará na formação afetiva e psicológica dessa criança.

Outro ambiente de convivência da criança é o espaço escolar. É na escola que a criança convive com os demais, em grande parte de seu dia. Portanto, é lá

que a maior parte delas interage com educadores e colegas. Nesse espaço, a violência pode ser observada sob suas mais variadas formas, no cotidiano com os colegas, na postura para com as outras crianças, na forma de comportamento, entre outros indicadores que trazem características de que essa criança sofre violência. Assim, a escola pode ser o espaço da identificação da violência sofrida pela criança e, nesse caso, o professor poderá fazer essa identificação, notificação e encaminhamento para a rede que atende às crianças e adolescentes.

A compreensão desse fenômeno pelos profissionais de saúde e da educação é essencial, por exercerem papel crucial na detecção dos casos de violência e também pela ação fundamental na promoção da saúde, na prevenção do agravo e no acompanhamento das crianças vitimadas.²

Mas, a maioria dos educadores percebe o que está acontecendo, mas não sabe como proceder, agindo, muitas vezes, de modo inadequado. Ainda, sente-se impotente ou não consegue identificar as crianças que sofrem ou sofreram algum tipo de violência, em razão do número elevado de alunos em sala de aula, não conseguindo dar atenção necessária para detectar situações que demonstrem que a criança está em situação de violência.⁵

Nesse contexto, percebemos a importância de trabalhar com esta temática, visando a minimizar a violência no cotidiano escolar, possibilitando que a violência contra a criança seja detectada. É necessário que os professores tenham um olhar responsável com relação à identificação da violência, para que esse ciclo se quebre-se e que reduzam os números de violência infantil.

No espaço escolar, o enfermeiro atua como educador em saúde, cuidando da criança, do adolescente e da família. Além de programas de prevenção nas escolas, pode capacitar professores para identificar situações de violência, sensibilizar para a importância da denúncia, articular e agregar instituições; contribuindo para a efetivação de uma rede de proteção à criança, fortalecida com vistas à identificação e notificação da violência.⁶

É premente que seja dada voz aos professores, com vistas à proposição de estratégias, com base nessa pesquisa, que culmine na compreensão do que esses profissionais necessitam para um avanço no diagnós-

tico da violência no espaço escolar. Para tanto, objetivamos compreender como o professor, no espaço escolar, detecta a criança em situação de violência; conhecer a articulação do processo de identificação e notificação; propor estratégias de aperfeiçoamento para o reconhecimento da violência no espaço escolar.

Método

Estudo descritivo exploratório de natureza qualitativa, realizado em uma Escola Municipal da Região Oeste de Santa Maria (RS), sendo esta considerada como uma das maiores no que se refere aos índices de vulnerabilidade e violência na cidade.⁷

A amostra do estudo se constituiu-se de quatro professores, todos do gênero feminino, entre 41 e 56 anos, alguns atuam nos turnos manhã e tarde, totalizando 100 % dos entrevistados, que atuam na educação infantil na escola. Mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) os dados foram coletados no período entre agosto e outubro de 2013 na escola, por meio de entrevista semiestruturada, composta por questões norteadoras referentes à identificação pelo professor, das crianças que sofrem violência no espaço escolar, como se dá essa identificação, como ele age após a identificação, e se ele não identifica, quais seriam suas dificuldades. As entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra, os participantes foram representados alfanumericamente pela letra "P" de professor.

Os dados sofreram análise temática, que consiste em descobrir os núcleos de sentido, que compõem a comunicação, e signifiquem alguma coisa para o objeto analítico visado.⁸ A operacionalização da análise constituiu-se na pré-análise, que se baseia em uma leitura flutuante, que se impregna do conteúdo do material de campo; a constituição do corpus que responde às normas de validação qualitativa de exaustividade, representatividade e homogeneidade. Na etapa pré-analítica, foram determinadas as unidades de registro e logo após a segunda etapa, com a exploração do material, foi estabelecida a temática do conteúdo expresso nas falas das participantes e, posteriormente, a terceira e última etapa da análise seguiu-se o tratamento dos resultados e a interpretação.⁸

O projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro Universitário Franciscano sob nº 366.004, que garantiu aos partici-

pantes da pesquisa seu anonimato e também da instituição de ensino, conforme a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde.⁹

Resultados

A análise dos dados permitiu identificar os três temas: a identificação da violência pelo professor e o comportamento das crianças na escola; o professor frente a situações de violência; da identificação ao encaminhamento: um processo pouco resolutivo.

A identificação da violência pelo professor e o comportamento das crianças na escola.

Os professores acreditam que identificam a violência, e é durante a aprendizagem que ele desempenha um papel fundamental na identificação.

"A professora da turma percebeu, né?"(P1)

"Sentem muita dificuldade de falar aos poucos tu vai cativando elas né, assim e daí juntamente com o orientador tu vai, que as eles desabafam, né?"(P2)

"Geralmente, identifica sim, porque é muito diferente a criança que sofre violência em casa dos demais"(P3)

"Mas assim olha a violência pra eles é tão natural"(P4)

O professor tem papel fundamental na identificação da criança em situação de violência. Ao desenvolver o aprendizado, estabelece vínculos com a criança e com base nesses vínculos é possível observar e conhecer os sinais que as crianças apresentam para identificar situações de violência. Mas por meio da fala abaixo, questiona-se: será que o professor consegue identificar todos os tipos de violência? Pois, P1 refere nunca ter identificado violência.

"A gente não percebeu nenhum caso de violência assim né, de momento, não percebemos nada anormal, né?"(P1)

Com relação à fala da participante, podemos questionar a possibilidade de os professores identificarem alguns tipos de violência, não todos, pois no decorrer das entrevistas foram abordadas questões que nos levam a perceber que, apesar de acreditarem que a violência é percebida por eles, nem sempre é identificada por todos. Na fala de P2 abaixo, evidenciamos que a professora reconhece que a violência nem sempre esta visível e pode estar oculta.

"[...] É um processo muito longo, né? muitas vezes eles não contam porque ameaçam né, aí a gente pergunta por quê? Ele me prometeu que se eu contar me mata sabe e, às vezes, nem para os conselheiros eles(crianças)não falam porque são ameaçados (P2).

Pode ser observado que a violência fica oculta pelo medo, pela ameaça, e para identificá-la é necessário ter conhecimento, estar atento à postura da criança, à fala entre linhas, à ausência de cuidados, entre outros indicadores presentes em quem vivencia a violência.

A identificação da violência, conforme os professores, ocorre por meio da observação comportamental da criança, como tristeza, angústia, ausência de cuidados, agressividade e machucaduras. Ressaltam também que as histórias que as crianças trazem de casa são obtidas após convívio e vínculo que criança e o professor estabelecem.

“Geralmente, os alunos que sofrem violência em casa, eles também são violentos na escola, este ano como é muito recente, início do ano, ainda não deu pra perceber bem ainda, mas eu já tive”(P3)

Ao longo do ano letivo, a escola realiza momentos de interação com os pais, durante essa interação pode ser observada a violência presente na família. Os professores, sinalizam algumas situações de violência.

“A gente faz a entrevista, né? Ai na entrevista eles camuflam muito, né?, Então tu vê assim porque a gente sabe das histórias dos pais, que já foram alunos daqui, então a gente fica sabendo por outros meios, né? mais assim na entrevista é muito difícil, eles mascaram muito”(P2)

“Eu acho assim que eles colocam aqui como meio de ter tempo mais livre, porque eles não têm assim pra aprender, eles têm mais para se livrar da criança”(P2)

O comportamento da criança é singular, ou seja, cada criança reage e manifesta-se de uma forma, frente à violência vivenciada em casa. É necessário estar atento para perceber sinais e não banalizar a violência que a criança esta sofrendo.

“São, muito afetivos, né? Tudo eles querem dar para a professora e tem uns que não, cada criança reage de um jeito, tem outros que não aceitam nada, não aceitam carinho sabe...tem uns que são muito agressivos e tem outros que não, pegajoso..”(P2)

“Toda queimada pelo padrasto, né? Toda furadinha de cigarro, olha queimar a criança com toco de cigarro pra chegar e a criança fala isso, desabafa”. “Eles já têm tristes, já têm revoltados, corpinho desnutrido, raiva”.(P2)

“A criança é quietinha ou retraída, né? A gente tem que ficar atento porque às vezes é típica da criança né, timidez e tal, outras vezes poderá ter mais alguma coisa por trás nesse sentido, né?”(P1)

“Até no aprendizado tem que dar uma atenção, como eles não se concentram pra fazer a atividade, eu falo cinco, seis vezes que a gente tem que falar um monte de vez, e os outros entendem e fazer à atividade, eles são muito desatentos, agitados, violentos”. (P3)

“Ele chegou com a perna toda roxa mancando, incomoda, dizem palavrão, agride, por exemplo, a menina tinha dias que ela não conseguia ficar sentada e eu percebi assim que ela tinha muito dor de barriga. Eles têm muito sono, têm com olhos vermelhos, dormem pouco de noite daí eles chegam cansados e, daí, às vezes eles, dormem na classe”.(P4)

A violência consiste nos relacionamentos agressivos no meio familiar, os comportamentos que as crianças apresentam na escola podem ser reflexos do que está ocorrendo no ambiente familiar e social. Assim, na escola, elas podem agredir colegas, fisicamente, por xingamentos, ofensas entre outros tipos de violência.

“Ele batia assim do nada no colega, sem motivo assim sabe. O colega tava parado simplesmente chegava e dava um soco”. “Ele achava que poderia chega e bater também no colega sem motivo”.(P3)

“Não quer dar a mão pra ela, porque ela é gorda sabe. Então, não queria participar junto e a outra vem chorando pra mim, professora, ela me chamou de gorducha de novo, porque a menina é mais gordinha, gorducha, burro, viu, tu é um burro sabe”.(P3)

Dando continuidade à análise ao questionar, com os professores, sobre a identificação da violência, foi observada que as violências mais fáceis de serem identificadas são a física e o bullying, já a violência sexual é a mais difícil de ser percebida, por vezes a própria comunidade denuncia a violência.

“Daí elas sofrem abuso as crianças, os enteados, né? que eles não aceitam porque não é dele, né?fazem horrores, né? Violência sexual”(P2).

“Violência física o bater é que o que eu identifico, o verbal também, sim, eles falam umas palavras assim que eu me apavoro sabe, para idade, assim como verbal também de bullying, com quatro anos é complicado”.(P3)

“Por exemplo, a menina tinha dias que ela não conseguia ficar sentada e eu percebi que ela tinha muita dor de barriga” “Ela tava sendo abusada pelo vizinho, que, quando o pai sai pra trabalhar, daí, elas ficavam ali, elas não tinham banheiro, tomavam banho no tanque do lado”.(P4)

A fala da professora acima “ela não conseguia ficar sentada” pode estar entrelinhas uma violência

sexual cometida para essa criança, porém, essa situação fica oculta pelo argumento da “dor de barriga”. Assim, a violência sexual pode ser difícil de ser identificada, pela sua natureza. Na maioria das vezes, a violência sexual só é revelada quando já está sendo comentada pela comunidade ou o Conselho Tutelar comunica à escola, a fim de aumentar a rede de proteção da criança.

Já a violência física é a mais fácil de ser identificada, pelas lesões de pele, fratura, envenenamentos, intoxicações, todos, sinais de violência física bem como o bullying, alvo de estudos internacionais há algumas décadas e conforme os professores fácil de ser identificado.

O professor frente a situações de violência

Embora os professores afirmem que sabem identificar situações de violência no estudo percebemos que eles identificam algumas situações, mas nem sempre notificam. É importante que após a identificação, que ele notifique e saiba conduzir a situação vivenciada. Constatamos que a troca de informações dos docentes com as famílias são frequentes e, nos casos de suspeita de violência, essa troca ocorre com a finalidade de orientá-las, apoiá-las ou mesmo encaminhá-las a tratamento, porém não existe preocupação em notificar.

“Agilizei um contato com a família pra ver e conversar sobre isso né? então houve interferência da escola nesse sentido, acredito que ajudou bastante, né?”. (P1)

“Tive que chamar a mãe pra conversar, eu recorro às gurias aqui da direção, supervisão, né?...Daí elas chamam o pai, chamam mãe, fazem uma orientação conversam com as famílias”.(P3)

“Ai, eu cheguei aqui na orientadora e eu disse pra orientadora, o que a gente vai fazer? Ai, nós chamamos a mãe. Daí eu disse:...mãe isso não pode acontecer, e aqui-lo não aconteceu mais a gente tentar resolver aqui dentro pra que não seja pior, manda chamar a família, agente, as vezes, nem chama a família, tenta contornar o problemas ali”. (P4)

Observamos que a forma que o professor escolhe para agir frente à situação de violência é acolher o aluno que com atitudes e comportamentos diferentes na escola, chamar a família para conversar, entender e orientar sobre os acontecimentos. Nas falas dos entrevistados, percebemos que os pais usam da violência porque não tem paciência de educar seus filhos e aca-

bam agredindo, e por fim essas atitudes se refletem na escola.

“Em casa também não tinha limites à criança sem limite e os pais com dificuldades até nessa educação. né? Os pais têm certa dificuldade daí a gente tem que estar orientando com relação aqui, agente educa conversando, né? Diálogo e também tem a questão do colocar de castigo, tirar uma coisa que a criança gosta é uma forma também, né? No caso desses que eu estou falando, era um caso tentando educar a criança, mas usando da violência, né?”.(P1)

“Mães não têm paciência, elas batem mesmo”.(P2)

“Eu disse pra ele o que aconteceu? Ele disse assim: olha, professora, meu pai me bateu porque eu não sabia ler, ele não sabe ler, ele não pode apanhar”.(P4)

“Eu já pergunto assim pra eles a professora fala isso aí com vocês, não? Então tu não pode falar pro colega, tu só pode usar com o colega as mesmas palavras que a professora usa com vocês, gorducha não é nome, ela tem nome quando a gente não sabe o nome chama de colega”.(P3)

“... eu(professora) digo: gente, o pai de vocês, ele tem o vício da bebida, né? Mas quando vocês crescerem procurem não se envolver com a bebida[...].vocês podem mudar, não façam as mesmas coisas, vocês não gostam da coisa que o pai de vocês fazem com vocês[...]Triste, é triste; Vocês acham sofrido, então, não façam, eu dou muito exemplo aos alunos, esses que estão sendo assassinados por aí, que na verdade eles eram daqui”.(P4)

A escola é reconhecida como espaço de formação e socialização, sendo referência no fortalecimento dos valores éticos, morais, sociais e culturais fundamentais para a construção da cidadania. Nesse processo doloroso de uma criança em situação de violência, o professor pode ser o mediador de diálogo, trazendo a importância da prevenção da violência.

Da identificação ao encaminhamento: um processo pouco resolutivo

Neste estudo, percebemos que o professor, quando identifica a violência recorre, na maioria das vezes, à direção da escola, para que ela contate os pais, para averiguação do caso e para que haja um diálogo entre pais e professores. Apenas em situações que eles julgam necessário, encaminham ao Conselho Tutelar, porém reconhecem essa ação como pouco resolutiva.

“[...] então às vezes os companheiros abusam das crianças e a mãe não faz nada e o conselheiro vai lá e tira e volta de novo sabe, mora com a Vó e depois dá preferência a mãe e entra na justiça e aí adquire de novo a guarda de volta. A

criança volta a sofrer as mesmas coisas, né? Então parece que é uma coisa que só paliativa, né. Um tempo só, tiram a criança daquilo ali e depois que a criança esta acostumada retiram de novo e volta sabe; Acho que tinha ser mais assim tu tirar daquilo ali e não voltar, criança vai sofre a mesma coisa, então, não adianta e, geralmente, são os companheiros da mulheres que elas arrumam outros companheiros, é um processo muito longo, né?[...]”.(P2)

“Se acontecer de novo infelizmente a gente vai ter que chamar o Conselho Tutelar porque a gente sabia se a gente tomasse outras providências, a agressão ia ser pior em relação ele, essa menina já foi atendida pelo conselho...tinha psicóloga”. “Conselho Tutelar lá ou vai alguém e o guri apanha mais ainda...”.(P4)

Na fala dos professores, percebemos que eles não notificam ao Conselho Tutelar, pois acham pouco resolutivo. Ainda criticam a retirada da criança do ambiente violento e depois o retorno ao mesmo ambiente, afirmam que isso é gerador de mais sofrimento. Assim, os professores desta escola de educação infantil escolhem tentar resolver a violência por meio do diálogo com as crianças e famílias.

Os professores relatam que o próprio conselho tutelar é gerador de conflitos na escola. P4 conta que em uma situação específica, a escola ainda não havia denunciado ao Conselho Tutelar e eles agressivamente cobraram da escola e dos professores a denúncia.

“Se soube que daí o conselho teve essa denúncia que não foi daqui da escola a gente até tinha conversado, tinha comentado coisa e tal, mais não tínhamos chegado a tomar providências[...] e até a conselheira veio aqui ficou, agiu até com agressividade com a agente porque a gente não tinha comunicado, que podia ter comunicado a ela e não ter ido denunciado junto ao ministério público, eles já estavam sendo atendido, aquela coisa, daí, deu um “bafafá” todo”.(P4)

Portanto, a escola na pessoa do professor tem o dever de saber identificar, notificar e encaminhar situações de violência, para que isso ocorra, é necessário que ele possua conhecimento sobre o que são situações de violência.

Porém os professores evidenciaram em suas falas que não notificam, pois acreditam que existam fatores que desencadeiam a violência como o uso das drogas, o álcool, as péssimas condições de moradia, o desemprego, e que as crianças são usados como instrumentos de veículo para transitarem as drogas e demons-

tram desesperança de soluções para o enfrentamento frente a essas mazelas.

“[...] e a droga está solta, o crack então, porque eles são pequenos que são mulinhas né? Levam e trazem, tem mais pobreza, mais miséria, mínimas condições, olha mora num, barraco que tem 13 ou 14 pessoas, muitas vezes com cavalo junto”.(P2)

“Por causa da bebida e das drogas, então os pais bebem. Nessa comunidade que bebem, que os colegas contam o fulaninho de tal leva droga, sabe. Então, eles tão usando as crianças, ganhar dinheiro, crime, acabou se perdendo na droga, más companhias, né? A falta de recurso financeiro, a vontade de ter uma coisa diferente, as casas são pequenas”.(P4)

Os fatores citados acima pelos professores levam à compreensão de que a violência intrafamiliar é fruto de vulnerabilidades percebidas nas famílias com pouco ou nenhum recurso financeiro para sustentar os membros e por isso acabam por entrar no mundo das drogas e bebidas. Podemos refletir ou considerar estes como fatores de risco que levam as crianças a vulnerabilidades que as colocam em situações de violência.

Discussão

A análise temática permitiu compreender que o professor identifica algumas situações de violência na criança, durante o desenvolvimento da aprendizagem, por meio do vínculo e alguns sinais que a criança apresenta. O vínculo é importante para que tenhamos a aproximação professor/criança, e que estas desenvolvessem a aprendizagem satisfatória, ou seja, aprendam a ler, escrever, desenhar e conviver com os colegas e em sociedade.⁵

A escola e o professor estão envolvidos diretamente com a responsabilidade de identificar a violência, pois, muitas vezes, é no ambiente escolar que são percebidos indícios de violência intrafamiliar, acobertados pelos membros da família.⁵

O comportamento violento poderá prevalecer durante toda a vida da criança e poderá torná-la um adulto violento, reproduzindo-a. Esta é uma das sérias consequências da violência, denominada violência intergeracional.¹⁰

A violência intergeracional é a reprodução nos filhos da violência que o agressor vivenciou anteriormente. Podemos compreender que as crianças que vivenciaram violência na infância, uma vez que não

foram aprendidos outros modelos de relações familiares, homens e mulheres, tendem a reproduzir a história de violência vivenciada ainda quando crianças ou adolescentes.¹¹

Em relação ao bullying observado pela existência de xingamentos, humilhações e agressões físicas, entre eles, faz-se necessário que o profissional esteja atento à agressão entre irmãos, pois, muitas vezes, a criança apresenta essa relação dentro ou fora de casa¹². A presença de irmãos na mesma escola facilita observar o contexto familiar que ela representa na escola.

Entre os tipos de violência mais diagnosticados estão a física e o bullying e a mais difícil de ser identificada e a sexual. A violência física é mais fácil de ser identificada, pois deixa marcas. Dependendo do instrumento utilizado, intensidade, local do trauma e distribuição da lesão, é possível identificar sinais gerais e específicos de traumas secundários.¹²

Já a violência sexual ocorre por meio de todo ato ou jogo sexual, com intenção de estimular sexualmente a criança ou o adolescente, visando-a utilizá-lo para obter satisfação sexual. Os maiores agressores desse tipo de violência são os companheiros das mães¹². Por esse motivo muitas vezes essa violência fica oculta pelas relações de poder e medo que os agressores a submetem.

Frente ao bullying, os professores identificam o comportamento de crianças prepotentes e agressivas, tais como colocar apelidos, ofender, humilhar, discriminar, intimidar, perseguir, assediar, aterrorizar, agredir, roubar e quebrar pertences. Podem também ocasionar perda de interesse ou medo de frequentar a escola.¹³

Nessa perspectiva, o professor deve estar atento a situações que indiquem que existe violência. Machucados, marcas, hematomas precisam ser investigados com rigor, sobretudo se ocorrem de forma frequente. Essa investigação é importante porque, na maioria das vezes, a escola é a única instituição a que a criança espancada tem acesso fora da família que a maltrata.¹⁴

A escola é um centro irradiador de conhecimento e práticas de educação e cidadania¹⁵ e vem sendo considerada espaço social adequado para a promoção da saúde de crianças e adolescentes, uma vez que pode, com eficácia, promover sua saúde, autoestima, formação de comportamentos, além de habilidades para a

vida cotidiana, tais como: capacidade para tomada de decisão, comunicação, compreensão de emoções, pensamento crítico e manejo de estresse. As escolas caracterizam-se por serem um espaço onde a saúde de todos os membros da comunidade, professores, funcionários e familiares, e dos próprios estudantes, pode ser promovida.¹⁶

No processo de formação o professor tem a responsabilidade de compartilhar e ajudar a enfrentar os problemas que afetam à saúde e à qualidade de vida dessas crianças.¹⁷ Ao mesmo tempo pode trabalhar com os fatores de proteção. Os fatores protetores caracterizam-se por atributos pessoais, familiares ou sociais que minimizam ou neutralizam o impacto do risco. Quanto mais atuantes maior seu efeito positivo na vida das crianças.¹⁸

Quanto à articulação dos professores frente às situações de violência, o estudo identificou que os professores embora afirmem que identificam algumas situações de violência, eles na maioria das vezes, não a notificam, pois acreditam ser pouco resolutivo e quando notificam e encaminham às crianças, estas acabam sofrendo ainda mais.

Ao refletir sobre o papel do professor na denúncia destaca-se o art. 13º ECA que diz: “nos casos de suspeita ou confirmação de maus-tratos contra a criança e o adolescente serão obrigatoriamente comunicados ao Conselho Tutelar da respectiva localidade, sem prejuízo de outras providências legais” e no Capítulo IV art.º 56, pontua que “os dirigentes de estabelecimentos de ensino fundamental comunicarão ao Conselho Tutelar os casos de maus tratos envolvendo seus alunos”.¹⁹

Portanto, não cabe aos professores julgarem as situações que deverão ser ou não encaminhadas ao Conselho, mas, sim, todas de suspeita ou confirmação de violência. Diante de presença ou suspeita de violência, a escola deverá notificar qualquer uma das autoridades responsáveis pela investigação de casos, como: Conselhos Tutelares; autoridades judiciárias, autoridades policiais, promotor de justiça.¹⁵

Fica claro no art.º 245, do ECA o compromisso e responsabilidade que os professores possuem, que além da identificação devem em casos de violência notificar e encaminhar sob pena de multa os de omissão. Assim, deixar o médico, professor ou responsável pelo estabelecimento de atenção à saúde e de ensino funda-

mental, pré-escola ou creche, de comunicar à autoridade competente os casos de que tenha conhecimento, envolvendo suspeita ou confirmação de maus-tratos contra a criança ou adolescente expõem-se a pena -multa de 3 a 20 salários mínimos de referência, aplicando-se o dobro em casos de reincidência nos casos de omissão.¹⁹

Portanto, apesar da limitação percebida pelos professores quanto à resolutividade dos problemas, não notificar, é crime e, nesses aspectos eles poderão ser facilitadores da reprodução da violência pela omissão.

Sabemos que a violência ocorre em razão de a várias mazelas que variam entre o desemprego, a baixa escolaridade, fatores estressantes vivenciados pela família, a agressão sofrida pelos pais na infância, situações de agressão conjugal, fatores socioculturais, ambientais, biológicos, história de vida de cada um dos integrantes. Todos contribuem para que ocorra o aumento da violência doméstica contra crianças¹⁵ e que as ações pontuais talvez não minimizem as situações de violência, mas responsabilizarem por ações individuais que não caracterizam ação preventiva.

A Política Nacional de Promoção de Saúde (PNPS) lançada em 2006, diz ser necessária a construção de um modelo de atenção que priorize a qualidade de vida, ações para a prevenção da violência e estímulo à cultura de paz. Aos aspectos de promoção da saúde e cultura de paz devem abranger ações coletivas, envolvendo instituições de educação, ensino, associações de grupos de lideranças comunitárias e juvenis. Diz ainda que ações preventivas na comunidade são essenciais para a redução de riscos de violência e promoção da cultura de paz na comunidade.¹²

A constatação das limitações existentes, bem como as críticas e reflexões dos sujeitos em relação ao papel exercido pela escola no processo que envolve a suspeita, a revelação, a constatação e a denúncia não invalidam o trabalho efetuado no contexto escolar. Eles oferecem subsídios para que esse espaço seja examinado com mais atenção e que novas estratégias sejam criadas e implementadas no sentido de torná-lo mais participativo, democrático e com maior comprometimento de todos os envolvidos.¹⁵

Ao refletir sobre estratégias possíveis e efetivas, a resiliência baseados nos fatores protetores pode ser

uma estratégia para estimular a capacidade dos indivíduos a superar adversidades e lidar com conflitos difíceis. O enfermeiro pode ser o profissional facilitador nesse processo, inserindo-se na escola para motivar discussões e propor ações. Portanto as estratégias para a prevenção da violência e cultura da paz nas escolas devem ser pensadas, refletidas e planejadas pautadas nas situações percebidas e vivenciadas na escola pela comunidade escolar.

Conclusão

Com o presente estudo, podemos concluir que os professores conseguem identificar a violência no espaço escolar em algumas situações, como por exemplo, a violência física e o bullying, e estas são reconhecidas pelo comportamento e sinais que as crianças apresentam. Mas, pela análise das falas, podemos inferir que ocorrem mais situações de violência que não são identificadas e que, portanto percebemos a necessidade de capacitar os professores para o reconhecimento dos mais diversos tipos de violência.

Quanto à articulação no processo de identificação e notificação, a fragilidade foi evidenciada. Pois o que ocorre nesse espaço escolar é: o professor ao identificar a violência, julga se é necessário ou não notificá-la, e caso não considere necessário, ele utiliza-se de ações individuais, como chamar a família para o diálogo, ou cria primeiramente um vínculo de confiança com a criança a fim de estimulá-la a não reproduzir, na escola ou em qualquer ambiente, a violência sofrida em casa.

Ao pensar em estratégias para identificação da violência no espaço escolar, sugerimos que se proporcionem capacitações aos professores e envolvidos nesse espaço, para reconhecer todos os tipos de violência e orientar o que é preconizado na lei e nas redes de proteção à criança, como podem ser realizados os encaminhamentos problematizando situações reais para planejar ações efetivas. Estas capacitações e orientações poderão ser realizadas pelo enfermeiro inserido no espaço escolar.

Diante dessas constatações, evidenciamos a necessidade de que a escola tenha um importante papel na identificação e reconhecimento da violência, que os professores devem encaminhar à direção da escola todas as situações de suspeita e confirmação de violência no espaço escolar.

Referências

1. Pieratoni, LMM; Cabral, IE. Crianças em situação de violência de um ambulatório do Rio de Janeiro: conhecendo seu perfil. *Esc. Anna Nery Rev Enferm.* 2009.out-dez;13(4):699-07.
2. Ricas, J., Donoso, M. T. V., Aspectos Históricos da Educação no Brasil Versus Violência Física na Infância: Reflexões. *Rev Med Minas Gerais* 2010; 20(2): 212-217;
3. Brasil, 2012. Infância e adolescência no Brasil. Disponível em: <http://www.unicef.org/brazil/pt/activities.html>. Acesso em: 06/05/2013.(a).
4. Monteiro, E. M. L.; Neto, W. B.; Gomes, I. M. B.; Freitas, R. B. N.; Brady, C. L.; Moraes, U. B. Violência Contra Criança e Adolescente: Rompendo o Silêncio. *Rev. Rene. Fortaleza*, v. 10, n. 3, p. 107-116, jul./set.2009;
5. Machado, T. B.; Bottoli, C., Como os Professores Percebem a Violência Intrafamiliar. *Barbarói, Santa Cruz do Sul*, n. 34, jan./jul. 2011.
6. Ferreira, C. L. L., Uma proposta de cuidar: a enfermagem cuidando de crianças e adolescentes por meio da teoria de Paterson e Zderad. IN: Interfaces do cuidado em Enfermagem à criança e ao adolescente. Motta, M. G. C., et al. Editora Expansão. Porto Alegre: 2012. Expansão. 2012.
7. Pesquisa e Diagnóstico sobre crianças e adolescentes em situação de risco pessoal e social em Santa Maria/RS: construindo cidadania. Relatório Final de Pesquisa. Socal, E. et al. 2003.
8. Minayo, M. C. S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 12 ed. São Paulo, Hucitec, 2010.
9. Brasil. Ministério da Saúde (BR). Conselho Nacional de Saúde. Comissão Nacional de Ética em Pesquisa. Resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012. Aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília: Ministério da Saúde; 2012. (b).
10. Bezerra, K. P.; Monteiro, A. I. Violência Intrafamiliar Contra a Criança: Intervenção de Enfermeiros da Estratégia Saúde da Família. *Rev Rene.* 2012; 13(2):354-64.
11. Gomes, N. P.; Diniz, N. M. F.; Araújo, A. J. S.; Coelho, T. M. F. Compreendendo a violência doméstica a partir das categorias gênero e geração. *Acta Paul Enferm* 2007;20(4):504-8.
12. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção a Saúde. Departamento de ações programáticas estratégicas. Linha de cuidado para proteção integral à saúde das crianças e adolescentes e suas famílias em situação de violências: orientação para gestores e profissionais de saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2010(a).
13. Assis, S. G.; Avanci, J. Q. CAPÍTULO V Abuso Psicológico e Desenvolvimento Infantil. Livro Violência Faz Mal a Saúde. Ministério da Saúde. 2006.
14. Debarbieux, É. A violência na escola francesa: 30 anos de construção social do objeto (1967-1997). *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.27, n.1, p. 163-193, jan./jun. 2001.
15. Elsen, I.; Próspero, E. N. S.; Sanches, E. N.; Floriano, C. J.; Sgrotti, B. C. Escola: Um espaço de revelação da violência doméstica contra crianças e adolescentes. *Psicol.* 2011 jul./set., 29(66), 303-314;
16. Godoi, S. C.; Pol, P.; Matia, G. A Inserção da Equipe de Saúde da Família no Ambiente Escolar Público: Perspectiva do Professor. *Cogitare Enferm.* 2012 abr/jun; 17(2):232-8.
17. Silva, M. L. C. A.; Costa, M. C. O.; Santana, M. A. O.; Carvalho, R. C.; Souza, K. E. P.; Cruz, N. L. A.; Silva, M. R. Perfil Da Vitimização Sexual De Crianças e Adolescentes, Segundo Descrição De Casos Por Alunos e Professores De Escolas Públicas. *Rev Baiana Saúde Pública Miolo*. V. 34 _ N.3. indd 482, março, 2011.
18. Assis, S. G.; Avanci, J. Q. E possível prevenir a violência? Refletindo sobre risco, proteção, prevenção e promoção da saúde. In: Njaine, k.; Assis, s. g.; Constantino, p. (org.). impactos da violência na saúde. 2. ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2009. 380 p.19. Brasil, Estatuto da Criança e do Adolescente – 7. Ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2010 a 225 p. – (Série legislação; n. 25). (b).